Plauto Araújo

.

Curiosidade: Plauto Araújo, segundo fala sua mãe, sempre foi um menino diferente entre os seus irmãos, o mesmo chorou no ventre materno aos sete meses de gestação levando seu pai a efetuar o registro antecipado de seu nascimento, resultando em torná-lo mais velho dois meses. Mesmo sendo muito alegre, gostava de estar só e fazer coisas anormais, isso, se compararmos aos demais de sua época. Demonstrava ser dono de um caráter singular, isso o tornava admirado por todos na escola e mais ainda por ter um carisma ímpar.

ALMAS SONÂMBULAS

Plauto Araújo

SINOPSE: Onde se originam os sonhos? Seria algo da alma? Fluem eles da mente? Brotam eles do nosso espírito? Seriam eles frutos de nossas preocupações? Afinal o que são os sonhos? Seriam apenas os nossos pensamentos ou são as andanças da alma pelo mundo enquanto dormimos?Oh! Meu Deus! O homem não se conhece, não sabe onde se esconde: a mente, a vida, a alma... Nem mesmo as tomografias não detectam suas existências. Raios-X também não revelam as tais. E o Sentimento governa o homem e este não é dono de si.

Plauto Araújo

Araújo, José Plauto nasceu no Ceará, Brasil, de um casal nobre. Viajou por vários estados brasileiros, onde fez vários cursos e exerce várias profissões: é pedagogo, coordenador de vigilância sanitária, fiscal ambiental, faz parte do CONDEMA, ouvidor municipal, especialista em admirar a beleza natural feminina, poeta, escritor, professa a fé protestante, exerce o digno cargo de diácono, além de professor é um forte pregador, muito versado nos textos sagrados, amante alucinado da música psicodélica tem um respeito profundo pelas pessoas, mas gosta de apreciar o lado animal de cada um, enquanto saboreia toda beleza que lhe rodeia e isto é o que lhe faz um ente sempre alegre e satisfeito.

Começou sua vida literária ainda adolescente numa vida nômade e inconstante, partindo para o Rio de Janeiro para trabalhar em redes hoteleiras, onde conheceu muitos artistas famosos, entre eles: Frank Sinatra, George Watter... Etc. Mesmo que iniciara sua vida literária muito cedo, só no ano 2000 é que publicou algumas de suas obras, entre elas: **Vozes Mélicas, Luta Interior e O Caminho do Peregrinar.**

De sua lavra literária podemos citar 08 livros poéticos, 02 históricos, 02 romances e 03 doutrinários. Em sua trajetória literária foi obrigado por motivos de perseguições, a queimar muitas de suas poesias. O que lamenta pela irreparável perda.

A base de toda prosa e versos de Plauto Araújo apóia-se no profundo sentimento que tem pelos mistérios da vida. Cuja lógica ultrapassa a, da consciência habitual, desvendando o duplo de cada homem, na impressão do realismo dentro do irreal. Os cenários são repletos de pavor da morte. Onde mergulha no lado desconhecido das ansiedades da alma, o que faz de Plauto Araújo, um alucinado pelos mistérios da Imaginação Humana.

Frank Dalto

Plauto Araújo 2011
1ª Edição, 2011

Diretor Editorial

Frank Dalto

Assistente de produção

José Plauto Araújo

Capa

José Plauto Araújo

Revisão

José Plauto Araújo

Plauto Araújo

ALMAS SANÂMBULAS/ Plauto Araújo

1ª Ed. - São Luis-2011

Visões do Ulai 85-260-0617-7

1. Poesias Literatura contemporânea

99-1260 **CDD-028.5ÃOAO**

ALMAS

SONÂMBULAS

Poesias

Plauto Araújo

1ª Edição

2011

ALMAS SONÂMBULAS

A658C
ARAÚJO, Plauto.
ALMAS SANÂMBULAS/ Plauto Araújo.
Editora Visão do Ulai. São Luis – Ma; 2011.

I. Poesias
1ª Edição
88p CDU800

1ª Edição

2011

APRESENTAÇÃO

Plauto Araújo, por suas linhas dialéticas é reconhecido como "O Escritor de Bela Cruz", bem antes da publicação desta obra. Pois já havia consagrado seu nome no mundo da literatura contemporânea graças a sua habilidade de usar as palavras de forma precisa e incitante como já demonstrou em outras obras de sua autoria como: O Caminho do Peregrinar, Olhos do Tempo... E outras.

Porém, Almas Sonâmbulas irá superar as expectativas do leitor amante da boa literatura, pois de forma bastante peculiar o escritor que é um erudito usa e abusa do poder das palavras, retratando assuntos sérios, banais e profissionais, dando a estes um tom cômico e sagrado ao mesmo tempo. Somente um sábio consegue retratar suas concepções no sentido espiritual e letrado conciliando filosofia e fé.

A obra trás em si a descrição poética dos sonhos, utopias, cenas do cotidiano e sofrimentos que permeiam a vida secular da toda humanidade. E somente Plauto Araújo, com toda sua erudição e modéstia poderia descrever os anseios da alma com tanta magnitude.

Almas Sonâmbulas é isso: Uma busca incessante pela verdade e visão holística do inconsciente humano.

Maria Nobre.

07 Os Muros
08 Iluminadas
09 Guardiões das Alturas
10 Almas Sonâmbulas
11 Respeito ao Preconceito
12 Miragem da Educação
13 Assanhar
14 Cocheira Universal
15 Vale Massacrado
16 Sundário
17 Lobisomem
18 Embrulho Fúnebre
19 O Caso das Botijas
20 Crônica de um Morto
21 Inst. Imac. Conceição
22 Cavalo Galopante
23 Lagoa Encantada
24 Diário do Espírito
25 Visões
26 Minha Adorável Musa
27 O Lugar Onde Moro
28 O Animal
29 Missiva da Rua
30 Livro Embalsamado
31 Manhã Turbada
32 Solidão
33 Silêncio
34 Última Trombeta
35 Sonho de sensitivos
36 Retrospecto
37 Delírios da noite
38 Fique Frio
39 Amor de cão
40 Hipócritas
41 No silêncio
42 Entre Nós
43 Lágrimas da tarde
44 Feridas do amor
45 Air France Vôo 447
46 Crônica Cazuza
47 Visitei o Eterno
48 Em Algum Lugar do Passado
49 Cavalgada Transcendente
50 Mergulhando o Profundo
51 Sinopse
52 Nada
53 Competindo com Lobo
54 Luz da Vida
55 Só pra Quem Ama
56 Meu Coração
57 É Meu Amor
58 Cavalos Alados
59 Olhar Cioso
60 Mosteiro das Águas
61 Místicos Intentos
62 Poesia
63 É Natural
64 Vida Obscura
65 Orbitando
66 Psicopatas
67 Narcisistas
68 Faces da Saudade
69 Epígrafe do Fim
70 Coração Bahai
71 Ouve
72 Sonhos
73 Fontes do Ser
74 Poetizei
75 Como Fiquei
76 Vida
77 Pressentimento
78 Mistérios
79 Senhora dos Sonhos
80 Destino
81 Cicatrizes
82 Mistérios Noturnos
83 Cosmo do Amor
84 Visões
85 Mar Agitado
86 Obras do Autor

ALMAS SONÂMBULAS

Nas horas furtivas
Enquanto dormias
Entrei pra te velar
E vi teu ser sendo visitado...
Eram milhares de palavras
Que fluíam de ti, idéias desconexas...
Imagens se formavam da tua mente como fantasmas
Sonhos e viagens transcendentes dominavam
Rumos ignorados de teu ente demente
Eram trôpegos teus passos no infinito
Que buscavam nos anais Divinos e remotos
Respostas à ânsia de tuas procuras
E teu ser palmilhante e ofegante
Projetava-se nas ilusões das esperas...
Enquanto contemplava teu quadro sonâmbulo e abstrato
Perdi-me do raciocínio ser... E de instinto me vesti
Tateando em caracóis perdidos e opacos
Naveguei horas infinitas...
Na busca de um elo perdido
Que poderia ser você...
Ou... Eu mesmo refletido.

OS MUROS

Os muros
Estão na mente formando fronteiras
Enclausurando o ser
Castrando as perspectivas de liberdade
E sugando dos olhos a esperança
Os tais
Foram criados por seres sem visão
Que nascem no cárcere da solidão
Não vêem não sentem... São mortos ambulantes
Que se recusam e não se conhecem
Ignoram as cores da luz
Pois seu universo é tenebroso
Tais muros caem
Se estes ressuscitam...
Quando o cupido lhes acerta
No amor... Pro amor
Então tudo brilha
Tudo é colorido.

ILUMINADOS

Observava o olho universal, seres manipulados.
Leis eram traçadas, e nossa vontade furtada.
Ninguém tinha domínio em seu próprio destino
De suas vontades os seres eram privados
Tudo era controlado por seres dominantes
As regras eram ditadas por olhos vigilantes
Éramos escravos inconscientes de nossos próprios atos
Dominavam nosso paladar, nossos sentimentos. E todo nosso ser.
Éramos guiados por símbolos místicos e satânicos
Por traz desta máquina universal, um rival tinha as rédeas.
Éramos o gado para o corte e não percebíamos
Éramos fantoches de suas manipulações, e agíamos...
Para satisfazer seus ideais macabros e hipnotizantes,
Éramos adestrados como animais através de sua mídia
Autodenominassem-se iluminados, em suas teias de engano.
E se mostravam petulantes em governar nosso querer
Estávamos perdidos, vendidos sem preço o seu bel-prazer.
Tudo isso, por termos dado de costas à Luz do Mundo,
E assim andávamos em trevas, apalpáramos como cegos.
Nossa vida tornou-se insulsa por termos deixado O Sal da Terra.
Trevas dominavam nosso íntimo, por faltar a luz de nossa alma.
Ébrios e entorpecidos ficamos por causa de suas sutilizas
Nos liames de seus meios de comunicação ficamos acorrentados
Éramos animais selados e controlados por seus chips eletrônicos.
Foi quando a luz do céu raiou e afugentou nosso pesadelo
Então nosso caminho ficou iluminado e despertamos
E jogamos fora todas as amarras destes tiranos
Que fazem as artimanhas do tição apagado
Que não tem luz nem pra si, e se denomina iluminado.
Que escraviza pobres almas alienadas, subjugadas...
Transformando-as em fantoches ambulantes
Que se movimentam sob seu querer dominante.

GUARDIÃO DAS ALTURAS

Em minha torre ponho-me de sentinela
E passo todo tempo vigiando cada movimento
Principalmente as pulsações das emoções dos seres
Navego horas pelos corações dos amantes
Leio cada sonho escrito nas nuvens
Enquanto caminho pelo sideral em passos legíveis
Atento para faiscá-lo do amor entre as estrelas
Que me faz feliz, em ver seu copular.
De minha torre, os meus olhos voam em buscar.
As imagens que me fascinam a alma
Para não me sentir um atalaia solitário.
Que tem sede de alguém... E o busca no além
Sondando corações... Pesando cada ilusão,
Tenho objetivo definido,
Encontrar meu elo perdido
O único eu, por mim refletido.
De minha torre solitária
Atravesso noites inteiras
Só pra vigiar as nações
Sou o arauto que grita a todo ser insulado
Que como gazela sedenta espera seu momento
E quando sobrevôo meus pensamentos.
Busco em meus sonhos
Aquela que ilumina meu mundo
E que só me traz harmonia
De minha torre não saio um segundo
E nela sou o único ser a vigiar
E por meu coração resisto sono e fadigas
E assim estou lá, até poder te encontrar.

COCHEIRA UNIVERSAL

Mente excaniada e limitada
Frangos nutridos de cabeças vazias
Universitários do papel e do canudo
Geração que não sabe questionar
Vítimas de seringas mortais da saúde
Traçados pelos donos do mundo tenebroso
Programados para a ceifa prematura
Comem de um mesmo cocho os povos
É gado vacinado pra morte mental
Sem raciocínio, são fáceis presas do engano.
Mestres da mentira seduziram o entendimento
É o córtex, codex das nações condenadas.
Menu mortífero do prato universal
Lixo humano que deve ser ceifado
São meros animais pro açougue virtual
Manipulados cobaias... Da mente eletrônica
Escravos dos olhos e ouvidos biônicos envenenados
Ébrios da era digital, mesmo em suas vidas sóbrias.
Julgando-se evoluídos, estando embaralhados,
Nas teias do misticismo doentio e dominante
Seguem o caminho letal do espírito
Compraram e comeram sua própria morte
E geram bebês com cérebros paralíticos
Beberam no rio da morte até saciarem-se
Logo após, entorpecidos sujeitam-se a tudo.
Não são donos de sua vontade
Como mortos são guiados a autodestruição
São filhos programados do rebanho universal
Destinados ao lugar horrendo e sombrio
Do ser repugnante e sutil, controlador de cegas almas.
Arrastadas ao holocausto global, idealizado por satã.
Através dos senhores do mundo tenebroso.

RESPEITO AO PRECONCEITO

Não respeito o negro nem tão pouco o branco
Nem o pobre, nem o rico.
Não respeito o viado, nem o baitola
Não respeito os gordos nem os magros
Não respeito o ignorante nem o sábio
Não respeito o velhaco caloteiro e nem o pagador.
Só respeito à beleza, pois só ela satisfaz
Quando alguém é belo nossa tendência é admirar
E isto é independente de:
Cor, situação financeira,
Sexo a que pertence,
Gordo ou magro,
Sábio ou tolo,
Sincero ou falso.
A beleza dá rasteira em todos
E ainda assim continua sendo
Aplaudida e desejada, pois a beleza.
É a força e graça dos poetas
Afinal é de se embriagar de beleza
Que o tal escreve.
Pois não tenho preconceito contra ninguém
E sim conceitos bem formados.
Pois se eu chamar um viado de viado
Um negro de negro um velhaco de velhaco
Um besta de tolo. Etc.
Não é preconceito e sim conceito
Pois está fundamentado na verdade,
Que cada um é em sua essência.
Respeito a beleza e rejeito a feiúra
E não quero me casar com uma marmota feia.
Se você pensa ao contrário
Pegue todas as marmotas e desapareça.

MIRAGENS DA EDUCAÇÃO

No deserto da personalidade
Um ente é trajado, pelo sistema, como educador.
O tal se porta como modelador de seres sociais
Enquanto os tais são vertigens ilusórias
Oásis de miragem, que se camuflam de cidadãos.
Senhores e objetos do engano,
Tecedores de liames rudes, embaçadores da mente...
Fabricantes da discórdia e traiçoeiros da classe
Tornando-se inimigos da paz e do acordo
Animais anti-sociais, que usam língua gladiadora.
Que mostram constantemente os dentes, fingindo sorrir.
Enquanto no íntimo fervilha tramas e condenações
Sepulcros caiados que formam hipócritas sociais
Fantoches que não podem exprimir seus sentimentos
Que só podem fingir que está tudo bem, cinicamente.
Pra não ser traidor do sistema, enquanto trai a si.
Palhaços sem graça, inquiridores de mentes neófitas.
Marionetes do sistema globalizado do diabo
Seres assombrados e vítimas de seus fuxicos
Réus de eterno julgamento de delinqüentes juvenis
Transformados em objetos de constantes avaliações
Privados de autonomia por estarem acorrentados
E assim rastreados por ditadores tiranos e cruéis
São deixados despidos de qualquer autoridade
Sem o direito de preparar mentes iluminadas
Pois são moldados e programados
Para formar almas alienadas, despidas da razão.
Sombras escuras do saber, distribuidores de bóias frias.
Filhos da ignorância, dominados pela mãe coagida.
Assim despidos do pudor, tornaram-se inimigos de si.
Vivendo subjugados por se deixarem dominar
Sendo frutos da mesma matriz satânica
De um carrasco místico e opressor
Que governa o mundo dos animais
Criados e destinados pro amargedom.

ASSANHAR

Não assanhe meu maribondo
Nem futrique em meu formigueiro
Pois se você me futricar
Vou ficar assanhada.
Sou passiva e quieta
Estou no meu lugar
Não procure me despertar
Pois sei que se me acordares
Vai começar a coçar
E não vou me inquietar
E nem vou me acalmar
Até me picar
E assim após me vingar
E minha loca descansar.
Após se saciar
Ficarei satisfeita
Até outra vez vires
Pra meus bichos
Assanhar.

EMBRULHO FÚNEBRE

Nada me causa mais repugnância que um caixão
Há algo macabro neste objeto, que me arrepia.
Nunca quero tê-lo perto de mim, pois me causa mal estar.
Se eu morrer, afinal espero ser arrebatado por Jesus,
Bem antes da morte vir me surpreender.
Como disse, se eu morrer não me enterre em caixão.
Sou diferente, sou poeta e sigo a velha tradição.
Envolva-me em um lençol. Ou num manto como Jesus.
Que não morra num dia triste e chuvoso
Que não morra de doença prolongada
Que não morra de violência
Que não morra abandonado por Deus
Que não morra em grandes pecados
Que não morra devendo
Que não morra longe de casa
Que não morra despreparado
Que não morra de jeito nenhum,
Mas que seja arrebatado como Elias.
Que os anjos de Deus me assistam
Que Jesus me receba com alegria
Que os céus se alegrem com minha chegada
Que a terra não lamente minha partida
Que meus filhos saibam que eu fui salvo
Que saibam que fui escolhido por Deus
Bem antes da fundação do mundo
E que eu tinha plena convicção disto.
Que sempre conversava com Deus
Que éramos íntimos amigos
E que iria morar com Ele
E que ninguém podia impedir isto,
Nem mesmo, todos os inimigos de Deus.

VALE MASSACRADO

Nas margens deste rio se planta a esperança
Nele canta de prazer sua fauna nativa e diversificada.
Lá se esconde todo animal do cerrado
Pastam as manadas de gado e dos roedores do campo.
Fazem a alvorada festejar, as aves que ali gorjeiam.
Ali a flora veste seus vestidos longos e verdosos.
Cobrem-se de floridos buquês perfumados
Onde as abelhas na alvorada fazem zunidos
Enquanto retiram o néctar para sua fábrica de mel silvestre.
Onde o homem devasta os cílios dos rios enquanto trabalha
Para adquirir seu sustento da lavoura, ainda diz, está cuidando.
E por um caminho arenoso o rio caminha lento,
Caminho caracolado e sempre descendo o nível.
Como suicida este rio se mata no mar infinito.
Fertilizando o manguezal onde o mar vomita seus cardumes.
O vale é rico de tudo, mas a erosão destrói sem cessar,
E a mata ciliar é vítima desse efeito devastador.
Tudo causado pelo homem que não respeita a natureza.
Carnaúbas tombam sobre o leito do rio, das ribanceiras.
Areia soterra o leito raso das águas, deixando dunas.
A beleza dos ingás frondosos é desprezada pelo lavrador.
Sofrendo o corte e a derruba sem respeitar o ecossistema.
Os paus do rio, igualmente são cortados sem o mínimo temor.
As mutambeiras são sacrificadas por alguns paus de vassouras.
As carnaubeiras são eliminadas a custo de dois quilos de carne.
Mulungús e oiticicas são ceifadas para a queima de caeiras.
Mesmo assim a natureza luta por sobreviver a tanto ataque
Os carões ainda dão seus alarmes de chuva noites inteiras
E o homem ainda o persegue para matá-lo sem dó.
Os marrecos enfeitam os céus desfilando em suas acobracias
Enquanto cantam seus fuififius de patos bobos que são.
Pois embaixo o homem lhe aponta uma rajada de chumbo.
Miserável ser humano, tão louco e cruel; devastador da vida.

SUNDÁRIO

Viajava o pobre homem alta madrugada
Passando pelas grandes pedras da lagoa do mato
Já cansado de sua jornada e sentindo-se solitário
Ouve um sinistro assovio cortar o silêncio da noite
Ignorando o tal autor e até pensando ser outro andarilho
Responde ao som noturno em mesmo tom macabro
Pensando ter a partir dali um companheiro amigo
Sem saber que por trás de tal assovio existia terror
E logo em resposta um enorme vulto aparece
De forma satânica e tendo os pés como os dos patos
E por mostrar-se exausto lança por terra um corpo morto
Um defunto de seu próprio pai que o havia assassinado
E logo obriga o pobre miserável caminhante a carregá-lo
E tal desventurado indivíduo sem resistir e já dominado
Põe aos ombros tal fardo medonho e leva-o pela noite escura
E sem troca de palavra entre o estranho e nosso viajante
Caminha ofegante sob a carga pesada do assombroso vulto.
Durante aquelas escuras horas de sentimento abalado
O pobre viajante geme sob a opressão do misterioso ser
Que só passa a falar quando vão se aproximando
Das luzes da cidade, e ainda com uma advertência:
Olhe, nunca mais ande a noite, pois a noite é minha.
E com este aviso o tal ser sobe voando aos espaços
Com sua carga diabólica, e o homem, apenas calou.
Hoje ele conta esta horrível experiência com pavor
Servindo de lição a todos que se aventuram na noite.

LOBISOMEM

Namorava uma moça muita festeira e eu gostava muito dela
Sempre a noite após os trabalhos eu ia para a casa dela
Lembro uma vez que meu pai estava fazendo a farinhada
E o forneiro tinha já a fama de virar lobisomem
E ele sabia que todas as noites eu tinha esta viajem
Para a casa da minha namorada, que ficava muito distante,
Era uma noite de lua cheia e naquela noite quando eu
Preparava-me para ir minha costumeira viajem
O nosso forneiro pediu que lhe esperasse um pouco que,
Ele também queria ir comigo e eu logo desconfiei
Afinal era conhecida sua fama de virar lobisomem
E logo naquela noite que era noite de lua cheia eu estremeci
No momento que ele falou que queria ir junto comigo
E para disfarçar eu inventei que naquele dia eu ia
Por outro caminho, pois tinha que visitar um amigo.
Ele ainda insistiu dizendo: rapaz é perigoso aquele lugar.
Espere pra nós irmos juntos, estou quase tirando a ultima fornada.
E sem dar ouvidos parti, já fazia tempo e a lua já estava bem alta.
De repente ouvi uns cachorros latirem e ia aumentando os latidos
E parecia já está bem próximo e de longe eu avistei um vulto
Que a luz da lua reluzia como se estivesse ensopado de suor
Ou de algo oleoso e aquele bicho parecia querer passar
E logo por baixo de mim e me deu um medo medonho
Senti os cabelos arrepiarem, que o chapéu parecia flutuar.
E mais que depressa dei de garra de um pau de Catanduva
E abarquei nele que logo pulou de banda e saiu correndo
E a cachorrada atrás e eu sem perca de tempo sai correndo
Numa disparada pra casa e passando por uma tapera
Ouvi os gemidos dos que tinham morrido lá, aí é que corri.
E pensei, valha-me Deus agora me aparecem esses gemidos,
Como se não bastasse o lobisomem querendo me comer.
E correndo como louco passei por baixo de um cajueiral escuro
E de repente sem perceber peitei com um homem que estendia palha,
E dei um grito de medo e ele deu outro e caímos por terra
Mais que depressa me levantei e correndo peitei na porta de cipó
De minha casa e entrei com porta e tudo e meu pai disse:
Que é isso meu filho? E eu disse é um bicho querendo me comer.
Eu sempre costumava chegar à casa de mansinho pra não acordar
Ninguém, mas desta vez eu entrei com tudo, pois o medo era grande.

CAVALO GALOPANTE

Os mais idosos sabem bem contar a história do cavaleiro,
Que em noites escuras e solitárias, um homem misterioso.
Costumava vir do Marco a Bela Cruz em seu cavalo encantado
Mas tinha um limite que o tal cavalo não transpassava,
O arco de nossa senhora de Fátima, ali ele parava de seu galope.
Diz a tradição que o arco foi feito ali por causa deste mistério.
Segundo contam nossos avós, era este misterioso cavaleiro,
O autor de toda confusão entre estas duas cidades rivais
Que contendiam sem parar. Por tudo brigavam e apanhavam.
Entre os brigões do Marco estavam: os filhos do Toba; Zé do Toba,
O mais falado e seu parente Beron. Em Bela Cruz, os mais valentes,
Eram os filhos do Zé Adriano, entre eles o Osíres,
O famoso quebrador de portas das delegacias de sua época
Eu mesmo sou testemunha ocular de suas façanhas.
Voltando as contendas das duas cidades, as brigas eram iniciadas,
Por pouca coisa, tais como: um rapaz de uma cidade namorar moça.
Da cidade rival, ir a festa na cidade inimiga, e nessa fazer arruaças,
Agora o mais provocante eram as disputas de jogos de futebol
Cada gol era tabefe, pontapés, xingamentos. Etc. mesmo assim nossos pais
De ambas as cidades se davam bem e faziam constantemente
Transações comerciais, e hoje é muito comum este tipo de negócio entre elas.
Também existiam muitas garotas do marco que estudavam em Bela Cruz;
Entre elas as filhas do Jaime Osterno: Fátima... E a Vitória do Lalau Osterno.
Todas estudavam e era interna do Instituto Imaculada Conceição.
Contam nossos conterrâneos que o Sr. Napoleão do Pedro Rita estava
Sendo goleiro em uma tarde de domingo no Campo do seu Manoel Severo.
E de repente chegam do Marco vários rapazes bêbados e um deles
O Zé do Toba passou a dizer: aqui só tem corno e outras palavras duras.
E o Napoleão advertiu: pare com isso rapaz, respeite os homens daqui.
E o tal Zé não parou aí é que dizia e mais alto para provocar
Sem perca de tempo Napoleão deí-lhe um soco que este cai a todo pano.
E quebrou-lhe vários dentes e se João Pontes não tivesse intervindo,
Tinha apanhado muito mais, para respeitar a terra alheia.

O CASO DAS BOTIJAS

Esta é contada pelo Dedé do Garrafinha;
Por algumas noites sonhei ou, não sei bem explicar;
Era como alguém querendo me revelar algo sobre
Jóias, patacões de ouro, moedas, etc. e dizendo pra eu desenterrar.
Que seria tudo meu, e nestas explicações se repetiram por vários dias,
Até eu não ter mais nenhuma dúvida do local exato onde se encontrava
Tal fortuna. E corria entre alguns mais idosos, que a pessoa que tira botija,
Na hora da cavação, via muita assombração e tinha de ficar em oração
enquanto tirava tal riqueza, pois podia até virar um pote de maribondo,
Tudo que está na botija, também não devia revelar o segredo pra ninguém
Pois os segredos das revelações se repetiam por três vezes e se a pessoa
Que estivesse sendo revelada caíssse na besteira de contar logo
Na primeira revelação aí não recebia mais nenhuma revelação e a botija
Era dada a outra pessoa que seguisse a norma exigida.
Por volta dos anos setenta do século passado na Rua Nicolau Peixoto
Onde hoje tem várias casas do Del do Cirineu, morava o seu Adriano.
E vizinho tinha um curral do seu Felisberto Severiano e uma oiticica
Cobria o curral com seus grandes galhos, pois bem, no tronco desta oiticica,
O Dedé do garrafinha tirou uma botija, eu vi com meus olhos o buraco
Cavado por ele, e naqueles dias o boato correu por toda a cidade,
Que o tal tinha tirado muitas coisas valiosas desta botija inclusive,
Alguns cordões e patacões de ouro. E não é que toda cidade percebeu
Que seus pais e o tal Dedé melhoraram de vida!
Eu mesmo sonhei que a mãe do seu Livino Vasconcelos,
Em sonho me mostrava que, em minha casa, comprada,
Do homem supracitado, tinha uma botija e por incrível,
Que pareça ficava bem debaixo do lugar onde eu dormia e
Vi no sonho que existiam uns caibros por cima do pote
Onde estava a tal botija. Mas eu rejeitei e no outro dia revelei
O segredo para não sonhar mais, mas quem dormia lá em minha casa,
Era despertado por esta mulher oferecendo a tal botija.
Principalmente moças, acordavam assombradas com a tal.
Esta casa fica na Rua Humaitá em frente da casa do seu Mané do Bento.

CRÔNICA DE UM MORTO

Quando a morte chegou não pude acreditar que estava morto
E continuei agindo como se estivesse vivo como antes
Foi difícil crer que era verdade e o pior ninguém me ouvia
Ninguém olhava pra mim era como se eu fosse invisível
Mesmo assim continuei em meus trabalhos sem parar
Dia de pagamento eu estava lá, mas pra meu horror.
Minha conta sumira, mesmo que acessasse a senha,
Nada aparecia, fui reclamar ao gerente, enfrentei grande fila,
Quando chega a vez de me atender simplesmente...
Chamou o outro que na lógica seria depois de mim,
Berrei com grande fúria e não ligou pra mim
Aí perdi meus controles, xinguei e ainda chutei sua canela
E nada, fiquei tão irado que fui embora.
E naquele dia sem receber meu pagamento
Em casa ninguém ligava pra mim,
Ninguém se condoeu comigo, nem viam meu sofrer.
Ninguém falou comigo, parece que eu era invisível.
Mesmo que falasse e às vezes até levantava a voz,
Parece que não me ouviam
Pra chamar a atenção joguei algumas coisas pelo chão...
Era como se nada estivesse acontecendo
Estranhei aquele descaso para comigo
E sem jeito deixei minha casa em busca de amigos
E visitei os mais íntimos, àqueles mais chegados.
E estranhei mais ainda, pois nem um olhar me dirigiu.
Então desconfiei de mim mesmo e tentei me apalpar
Fui até ao espelho e este me negou a imagem
Desesperei e fiz coisas de louco
Pus o dedo no fio de alta tensão
Entrei no fogo e por achar pouco
Banhei-me de combustível e ateei-me fogo
E nada disso me fez nenhum dano
Aí eu pensei; vou ao cemitério.
Afinal, lá talvez alguém me veja.
E para minha surpresa, eu estava lá.
Dentro de uma capela deitado
Alguns choravam, outros riam...
Então compreendi que eu tinha morrido
E me consolei.

INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO

Oh, portentoso instituto, hoje quero te saudar.
Quero reviver meus tempos de menino
Quero trazer tudo à memória... De tudo quero lembrar,
Lembrar de tudo que compôs este nosso belo ninho
Principalmente de meus eternos e queridos professores
Como a irmã Brasileira, nossa saudosa diretora,
E todas que lhe ajudavam, tais como:
Irmãs Tereza Góes e seu francês,
Tonete, Luiza, Catarina e Gelina,
Quem não se lembra da nota para nossa tal polidez?
De nossa farda o exame e o cuidado de nossos superiores.
Teu brilho de longe trazia novos internos dia a dia,
Quem pode esquecer tua brilhante luz?
Ou qual das ilustres famílias dos arredores
Por causa de tua magnífica educação
Não veio algum filho morar em Bela Cruz?
Como esquecer Odécio, não é ele pai de grandes mestres?
Quem de sua luz não provou? Prove se puder.
Tu és como um lindo pomar, onde queremos estar,
Em ti ouve-se o cântico de júbilo de teus meninos
Em meio as rodas de cirandinhas e festas juninas.
Quero lembrar o cântico de agradecimento ao teu fundador
O merci do francês de Tereza a ti, saudoso monsenhor.
Já faz mio século e eu não esqueço teu agradável aconchego.
Das noites artísticas com o Rei do Baião,
Dos talentosos alunos em suas representações,
Das capacidades de teus mestres provei
E em tua luz sempre me banhei.
Faltar-me-ia tempo para falar de pessoas ilustres
Como: irmã Ecilia Aragão, irmã Nazaré e muitas outras,
Que lutaram pelo bem do Imaculada Conceição
As quais guardo em meu coração.

MINHA ADORÁVEL MUSA

Ontem quando subias ao céu, linda, e toda tua.
Em cima de tua aeronave, eu me camuflava de lua.
Só pra te vigiar e iluminar teu místico destino.
Ontem eu fiquei feliz, e vi-me como menino.
E vibrou dentro de mim, pois meu coração amava.
E desejei está bem perto de ti, pois só isso me consolava.
Roguei a Deus que lhe guardasse, só pra mim.
Pois, como de repente, eu te amei, e nunca antes, amei assim.
Ontem, ouvi do meu peito gritos, altissonantes.
Pois já eram dois dias de silêncio, sem notícia de minha amante.
Mas quando contatei contigo, tudo em mim ficou vibrante.
Afinal falávamos pela primeira vez como dois amantes.
Mas senti pena de nós, pois durou só por um instante.
Ontem foi lindo, foi festa... Em nosso íntimo peito.
Pois vi que tu estavas em mim, ao meu lado e em meu leito.
E, como apalpei ao redor, só pra te sentir direito.
Ontem, tu foste minha única musa, minha Cinderela.
Pois só tu, desfilavas pra mim, em minha passarela.
Enquanto admirado, te fitavas acuradamente, pois tu és bela.
Teu brilhante olhar, puro azul do céu.
E teus lindos cabelos, longos e soltos ao léu.
Irradiavam-me, com seus raios loiros de vários sóis.
Neste teu porte esbelto, de femininos gestos em caracóis.
Desejei brindar tua cor rósea de linda flor transparente.
De uma mulher pura, ativa e inteligente.
E quando vi teus lábios lindos e carnudos.
Não resisti beijar estes belos traços rubicudos.

LAGOA ENCANTADA

Ontem, pensando em ti, olhava a lua.
E fiquei muito tempo admirado,
Pois ela estava toda pelada.
E como brilhava, sorrindo no meio da rua.
E me deu vontade de brindar com ela.
E despir toda formosura, da celeste donzela.
Ontem tu me enviaste lindas imagens,
Fiquei todo encantado, pois teus olhos faiscavam.
Estava toda radiante, e muito elegante.
Esta criatura serena, pra mim toda melena.
Ofertando-me num brinde, a taça do amor.
Mas, toda esta distância, me causou dor.
Mesmo assim naveguei por toda beleza tua.
Então, me lembrei da lagoa tua, e subi pela luz da lua,
E mergulhei em suas águas, diante de tua rua.
Foi quando te vi na janela, e desejei te amar.
E vestido de lua, quis em teu quarto penetrar.
Mas por teu olhar, vens à lagoa, só pra me encontrar.
E embrenhei-me em teus olhos, querendo me entregar.
E delirante, por estas tão desejosas paisagens.
Sedento me saciava, em tuas lindas imagens.
E em teus olhos verdes, vi o mar e subi aos céus.
E como a lua segue seu caminho ao léu.
Levou-me ao horizonte, ocultando-me atrás dos montes.
Enquanto tu fugias nos sonhos da noite.
E já era dia, e eu ainda todo afoito.
Voltei a mim, mas da lua apagou-se a luz.
Então compreendi que o amor, a ti me conduz.

DIÁRIO DO ESPÍRITO

É o confessar segredos
Sentimentos e sonhos
É o abrir do coração
Soltar emoções
E voar para a liberdade
É registrar a história
Mais sincera do homem
É luzir o rosto com o verniz
Que emana da alma
É transformar choro e gozo em palavras
Tornando-as vivas e penetrantes
É encantar o ouvido
Com o saboroso gosto da mensagem
Compondo a arte imortal
Que nunca acabará de lado
É o recado no momento crucial
É a beleza mais bela escrita
Que é mais que um grito
Da verdade inaudita
A vitória da vida
Que era mantida calada
Que no papel dá seu brado

SONHOS

Nas ilusões da noite, me vieram os sonhos.
Alguém segue uma longa viagem
Sob a direção de um sublime ser angelical
Nas névoas da noite segue o andante
Acometido de esparsas nuvens do mal
Cambaleia muitas vezes o nômade vulto
Que o tempo fez para sempre o seguir
Nos murmúrios do vento fala O Alto.
Seguindo olhos firmados de cuidados
Enquanto o ser ofegante se arrasta
Lampeja a claridade ébria e ofuscante
Despindo uma luta nas trevas do viandante
Sem morada certa, mora apenas dentro de si.
Vive o vexame do objetivo do crer
Nas agruras horas, chora como vencido,
O pálido reflexo de seu espelho
Enquanto o navegante da noite esbraveja.
No ócio de uma alma negligente
Fustiga-lhe a consciência, que não podes parar
Que lhe serve como alento ao temor
É tenebroso o espaço da dúvida
Que se dissipa entre feixes de luz
Seguindo o farrapo humano da noite
Visualizando seus olhos o invisível
Que lhe atiça pra luta abstrata
E só pára quando uma mão
Arranca-lhe violentamente
Pra porta do dia,
Onde o sol da razão
Acorda-lhe.

LIVRO EMBALSAMADO

Bebo de um livro que a mente humana não escreveu
Em suas fontes correm cristalinas correntes
Que me arrasta pra cima e nunca pra baixo
Em seu manancial almas se saciam no deserto
Onde loucos são vistos como sábios anciãos
E os tolos como os mais eruditos dos povos
Onde se rendem os povos... Ou cospe nesta fonte
Os cansados encontram alento e ressurgem
Quem bebe fica despido de suas razões
Perde todo seu saber e enlouquece pro mundo
Bebo do livro de um autor invisível
Que assiste a todo leitor, como um mestre.
E não andam mais a toa seus adeptos imortais
Escrevendo nas mentes suas declarações
A todo peregrino que caminha o insondável
Entre nuvens de pensamentos alados e confusos
E delírios de sonhos milenares dos homens
Onde buscam o invisível mundo da luz
Há anos luz distante do homem visionário
Este sonho estava no ventre do universo
E foi trazido por um ser divino e criador
Transformando em sementes nos corações
Mas oculto do solo rochoso humano
Que vive pra noite em que nunca raia esperança
Bebo o livro que se fez uma explosão da luz.

O LUGAR ONDE MORO

Não moro na rua, nem em nenhum bairro.
Estou nos becos estreitos da cidade alada
Onde sou vizinho de estrelas cadentes
Onde me visto de cometas despidos, perdidos...
E sempre me divirto com: a Ursa, o Orion...
E nas festas de brilho me camuflo de anéis
Que me são emprestados por Saturno...
Entre meus amigos e vizinhos, namoro a lua.
E nunca saio de casa durante o dia
Pois meu irmão maior não me deixa brilhar
Mas à noite quando ele dorme espalho seu brilho
No escuro da noite saio dançando, brilhando...
Piscando a toda princesa incandescente
E de mim, o céu todo dá notícia ao Sete-estrelo.
Enquanto faço redemoinhos com os planetas.
Mecho com tudo, arengo com as constelações.
Assombro os corpos de todas as via lácteas
E depois de todas as minhas arruaças
Dispo-me da luz, dando lugar ao irmão maior.
Mas antes, faço revista com meu olhar clínico.
Sobre todos que me circundam no céu.
Assim, voltando pra dentro de meu tabernáculo,
Só então percebo que moro dentro de mim.
Enquanto meus vizinhos estão perdidos em si
E não sabem onde moram,
Nem para aonde vão.

O ANIMAL

Eu meu viver silvestre
Sou um ente todo agreste
E faço festa com toda peste
Reparto meu pão com a passarada
Quando em tempo de colheita no cerrado
E os frutos já beliscados
Sou macaco e pássaro nas copas floradas
Divertindo-me com meus amigos mais estreitos
Enquanto cantam satisfeitos
Em agradecimento com os frutos que não aproveito
Respeitando assim a fome de meus companheiros
E como gosto de fungar, olhar, trepar...
Só para me sentir um ente e não gente
Sou bicho do mato sou todo animal
E como gosto de me assemelhar a tal
Dependo da natureza,
Busco como eles o pão
E defendo meu nicho ecológico
E nisso agradeço e tenho razão
Por toda obra da natureza
Ao grande Pai da criação
E quando tudo se mistura
O eu homem e a criatura
Puramente agreste
Sou aí todo silvestre,

MISSIVA DA RUA

O que esconde a carta do povo,
Nas escuras ruas da vida?
Observando as andanças das palavras,
As combinações dos amantes,
As peripécias politiqueiras,
Os uivos e berros dos condenados,
Os carros xingando no asfalto.
As ruas vivem de insônias milenares,
E são testemunhas dos seres,
Que se arrastam pelas calçadas,
Com seus problemas e queixas abafadas.
Mesmo assim, as ruas às vezes ficam caladas,
Não querem denunciar nada,
Nem mesmo a fome e sede dos miseráveis,
Tão pouco as injustiças praticadas.
Mas em dado momento, tudo muda.
A rua é feita de sangue e lágrima,
De gritos desesperados, mas sufocados.
A rua é mulher depravada,
Menina de mente envenenada
Na rua os olhos perseguem as criaturas
Para condenar almas piedosas.
A rua é resto dos caminhos esquecidos,
Onde é palco de entes competitivos
Na rua toda palavra é nua
Todo ser; é presa fácil, é réu...
De um olhar tirano e denunciante.
Na rua, são textos lidos, as criaturas.
E fazem parte da mais cruel literatura.
Despida da palavra compaixão
Afinal, é onde somos julgados,
Sem podermos escapar da condenação.

ÚLTIMA TROMBETA

Naquela última tarde do universo humano
Fui montado num cavalo invisível e galopei.
Escoltado por seres de resplandecente luz
Fui levado à presença do Homem do universo
Onde se reuniam grandes hóstias de guardiões
Onde ouviu sentenças inaudíveis aos mortais
Que seriam executadas no mundo dos homens
E fui escolhido para levar a mensagem de alerta
E após receber a sagrada incumbência tive de voltar
E fui enviado as nações para admoestá-las
E voei no dorso de um alado e luzente cavalo
Galopando estradas empoeiradas do imenso cosmo
Em meio aos raios luzentes de milhões de holofotes
Chegando às malhas do destino, falei como um trovão.
E estremeceram e houve clamor e um grande reboliço
Os montes se prostraram emudecidos sob minha voz
E inundaram a terra com suas lágrimas de dor
E no trono da cidade celeste, chegaram seus clamores.
Num instante foi-lhe enviada uma multidão de anjos
E como raios desceram em socorro dos seres piedosos
Sob o comando de um ser relampejante que encandeava
Toda visão ficou cega por não suportar tamanha luz
E quando tentei olhar, estremeceu toda minha estrutura.
Pois a luz que o envolvia encandeou seus mensageiros
E percebi que um juízo iminente iria acontecer
E que eu era o portador da última trombeta
E numa fração de um milésimo de segundo
Havia tocado a trombeta a toda criatura
E vi que toda terra se contorcia de dores
E os montes tremiam e se aplainara
Notei que a terra estava toda plana
E entoou-se o cântico triunfal dos anjos
Em trombetas milenares resplandecentes.

MANHÃ TURBADA

Opostos pólos da manhã
Quando a luz esperada não veio
Enlutado o sol chorou
Em meio ao peito a dor ecoou
E sem luz o dia ficou
Música faltou no coração
E de negro vestiu-se a emoção
Vento não soprou
Um silêncio a todos calou
Solitário o ser ficou
Saboreava o fel
No escuro aperto
Foi-se o riso e restou-se pranto
Como tudo mudou em um instante!
A alegria em si caducou
Todo barco no mar afundou
Um só coração nas águas boiou
Toda porta por si fechou
Ninguém saiu de casa
Perdeu-se o ânimo animal
Fugiu do ser o destino
Sem plano tudo parou
Sentimento louco ficou
E o peito apenas soluçou
A casa ficou nublada
Pessoas andaram caladas
E fechou-se o sino
Na boca do homem
Quando seu amor
Desenganado berrou
A luz do homem em si apagou
E sem resposta, tudo ficou.

SOLIDÃO

Embriagado estava o coração
Fluía o amargor do tédio
Ânsia esbofeteava a alma
Entenebrecido estava o espírito
Um ar atormentador dominava
Pobre ser gemia desconsolado
Era companheiro do nada
Alvo da tristeza
Todo semblante apagado
Luz nos olhos faltava
Olhava em círculo
Perdido se encontrava
Nada o consolava
Vexame dominava
Dos seres esquecido
Seu espelho denunciava
O manto negro
Vestia a alma
Enquanto um vulcão
Queimava-lhe...
Envenenava o coração.
O carrasco apertava...
Oprimia.
Soletrava um só nome
Surrava uma só palavra
Vestida de amargor
E o sofredor
Sentia...
Solidão.

SILÊNCIO

Há triste silêncio
Quando cala o ser amado
Tudo é clemência, é hora malvada.
Pára o tempo, reina perturbação.
Quando a vida é estragada
Palpita o coração
Findam todas as palavras
A vida torna sedentária
Pensamentos, que não levam a nada.
Denuncia uma alma solitária
Chora uma cama desprezada
Esvai-se o beijo, tudo é negra escuridão.
Grita de dor o amor
Geme no escuro a solidão
Tudo se envolve de pavor
Empalidecida a flor lamenta
O perfume foge envergonhado
A alma nada comenta
Quando o ser é sufocado
Tudo se torna imprestável
Mãos vagam solitárias
Busca-se o impalpável
Sem nenhum comentário
Frustrada a luz se apaga
Cabisbaixo padece o amante
Busca-se algo no nada
Tudo escurece num instante
Quando tudo termina
E o homem vira menino
E inconsolado chora
Mesmo assim não há melhora.

FIQUE FRIO

Qualquer dia desses
Eu vou morrer.
E... Tu vais também.
Se eu sei disso.
Não vou me estressar...
E você devia pensar o mesmo.
Por isso; não vou querer ser o melhor.
Nem tão pouco querer competir,
Não quero medir forças com ninguém.
Pra que esquentar?
Se logo, que eu morrer.
Todos de mim vão se esquecer.
Não, não vou me estressar.
Nem com meu bom nome,
Não quero me preocupar.
Não quero ter a vaidade,
De ser aceito nessa sociedade,
Onde todos competem...
Onde todos querem me superar.
Que se danem e deixem-me folgar
Que me deixem sonhar...
E dar minhas gargalhadas
Em todo tempo sem parar.
Como uma criança... Louco.
Deixem eu me comportar.
Pra que me estressar?
Se qualquer dia desses,
Eu sei, que tudo vai se acabar.

SONHO DE SENSITIVOS

Era eu um rio no vale
Que costeava tua morada
Rio que se ocultava
E nada, ou quase nada observavas.
Quando de tua varanda olhavas
E isolado lá embaixo, eu ficava.
Um dia enquanto sozinhas estavas
Surgiu diante de ti um arco-íres
E em teu silêncio apenas meditavas
E eu no vale, em sonhos, desejava.
Costear os obstáculos de tua morada
Meu desejo era subir a ti, evaporado.
E por muito tempo a Deus implorava
E sem perceber um sol me queimava
E em nuvens, minhas águas se transformavam.
E fui assim subindo a tua morada
Que em chuva suave te abraçava
E todo o meu anelo em ti se completava
E no teu paraíso fui incorporado.
Quando o sol se pôs nos montes
Estávamos juntos, como dois amantes.
E me lembrei que sempre temias.
As incompatibilidades, que talvez, surgiam.
E foi por este teu grande temor
Que por muito tempo, negavas teu amor.
E hoje sonhando, lembras de teu clamor.
Que durante muito tempo, escreveste a teu Senhor.
E que só agora percebes que já chegou,
Tua resposta, que Deus te enviou.

RETROSPECTO

Olhei o passado embaçado...
De lágrimas, risos... Dores.
Averigüei a senda escura e clara do andar.
E pude ver o bruto, em lamentos mudo.
Quando a sombra tenebrosa avançava.
Vi as horas gastas no nada
Prazeres negados, risos da dor
Choros do riso
Imagem da falsa realidade.
Quantos semblantes têm o homem,
No palmilhar da vida,
Do medo.
Quantos esforços perdidos,
Reprovados, doídos...
Remoídos no coração.
Quantas emoções despidas...
De valores, e sem razão.
Quantas falsas confissões,
Mentiras sem noções...
Que em nada convenceu.
Pobre homem...
Que julga a tudo e não julga a si.
Fingindo que está tudo bem,
Enquanto sua alma chora,
E seu consolo demora.
Papel branco e sem preço
Sol tonto de rodar
Terra embriagada de sonhar...
E este animal, nunca quer se aprumar,
Nunca quer voltar,
Pra puder se consertar,
E assim recomeçar.

DELÍRIOS DA NOITE

Geme... As imagens
O vento cospe no rosto
Alimentam-se camas esfomeadas
Panela rota e emborcada
Alma sedenta e vagabunda
Fadigas do corpo adormecido
Ilusões dispersas da cidade
Rastros ébrios do infinito
Sonhos perdidos na noite
Gemidos do leito sonolento
Espreguiçando-se no escuro
Passos trôpega da noite
Palavras balbuciadas e desconexas
Sombras de vultos apressados
Que voam pelas janelas fechadas
Sonhos dementes
Mundo abstrato de todos os animais
Grunhidos de cães medrosos
Cortam a noite a fio de espadas
Delírios das almas dilaceradas
São as torturas da mente
Em corpos dominados
Movimentos que governam
O ente incapaz
Em seus pesadelos
Fagulhas da vida fictícia.
Perdidas na memória
Soltas no livro da vida
E manifestadas apenas
Nas horas dormidas.

AMOR DE CÃO

Quando te encontrei
Pensei te amar
E se amei não sei
Talvez me acostumasse
Como cão me agucei
E ao amor farejei.
Será que se ama ou se acostuma?
Simpatiza ou gosta?
Bom, que me importa.
Quando não der
Logo se troca.
Se o amor é interesse
Só se ama o belo. O bom
O rico...
Se no amor
Não acreditas
Não se irrites
Se te disseres doidices...
O amor que vem da carne
É lobo faminto que devora
Que logo come e vai embora.
Toda carcaça é esquecida
Até a mulher outrora querida
E aquele mais íntimo amigo
Que no presente
Está empobrecido.
Assim sendo; a mulher...
E qualquer cão,
Amamos...
Ou apenas nos acostumamos.
Então me pegue
Pois vais me amar
Logo que de mim se acostumar.

ENTRE NÓS

Doce e suave sensação
É cada dia contigo
É mais que emoção
Quando fico com você
Sigo tua estrela no céu
Deslizo na amplidão
É ritual sagrado
Sentimento santo do coração
É filme de puro amor
É toda liberdade. Alma em satisfação
Lembrar de nós dois
É paraíso, é riso... É paixão.
Por isso, estou aqui,
Vendo teu brilho franco de luar,
Pressentindo tua presença no ar.
Sentindo teu cheiro de mar
Sereia alada, na madrugada.
Nos meus braços, embalada.
É prazer, apenas ter você.
Choro de gozo, todo amor.
Declarações do sentimento
Realidades do peito, felicidade.
Comunhão das almas... Sincronicidade.
Não há barreiras nem idade
Não há trava nem proibição
Em minha ou tua religião
O que não é permitida é solidão...
Não ter os pés no chão.
Se é, puro amor, então...
Jorra do coração.
É de Deus
Vem do Pai, nossa união.

HIPÓCRITAS

Rosto camuflado
Coração dobrado
Língua pintando
A imagem pálida
De incontáveis metamorfoses
Olhar inseguro
Companheiro do medo
Guardando rudes segredos
Pavor da verdade
E da nudez moral
Coração palpitante
Falsidade denunciante
Vive assombrado
Temendo os boatos
Dilatando os olhos
Tremendo a voz
Num gaguejo infeliz
Escondendo-se de tudo
Pobre vagabundo
Andando desconfiado
Mentiras mal paga
Ventre enganado
Onde esconde o mofado
Remoendo a culpa
Por ter vomitado a vaidade
Que se tornou um fogo no peito

NO SILÊNCIO

No silêncio ouve-se o tempo
O vento cochichar segredos
O balançar de galhos
Fláp-fláp das asas dos morcegos
Tropel de asteróides galopantes
Tropeços de estrelas fugitivas
Passos de grilos no escuro
Cometas que passam fumaçantes
Águas rolando pro mar
Assovio do vento no telhado
Murmúrios de paredes brancas
Barulho das formigas madrugantes
No silêncio os mortos estão
Mas as almas nos ciprestes
Tem um vozeirão, no silêncio...
De longe, ouve-se o mar se queixar.
Jangadeiro fazer velas e zarpar.
A chuva do céu se despencar.
A pena perdida de ave voar.
No silêncio ouve-se o que não quer
Até ao otário falar ralé
No silêncio ouve-se
Asfalto louco delirar
Motores nas madrugadas berrar
Nuvens se arrastando sem parar
Sundários alados assoviar
Cachoeira se precipitar
Palavra no livro cochichar
Biblioteca toda a gargalhar
Mosquito zumbindo a sangrar
Tic-tac na parede alarmar.
No silêncio tudo se pode escutar.

CRÔNICA DO CAZUZA

O louco pra moça havia declarado atrevido
Se tu não casa comigo com ele não terás vida
Era o dia e hora sagrada da religião de seu povo
Quando tombou morto na rua um jovem senhor
Que era querido por minha tia em sua tenra idade
Tal recém-casado desfilava satisfeito pela cidade
Em sua bicicleta no alvorecer dos anos sessenta
Na Rua Humaitá em frente ao Valdemar
Quando um rival que competiu seu amor
Em louca disparada atropela com furor
Com seu potente cavalo esmaga o coração
Causando a morte do feto em sua gestação
Pois ao cair inerte por terra o pobre moço
Sangrava por todo corpo e inundava o chão
Ao impactar com o cavalo, quebra-lhe o pescoço.
E neste transe o monstro some da população
E na missa começa com esta noticia o alvoroço
E a cidade no dia alegre se vestiu de luto
Pois pela loucura do ato de um homem bruto
Que sendo rejeitado no amor pela donzela
Assassina por vingança o inocente indefeso
Deixando viúva a jovem, que chorava na janela.
Onde de costume esperava seu amor sempre atenta
Mas agora o tal estava morto na casa do Mané Bento
E nestas escuras horas seu corpo repousava no caixão.
E o assassino fugindo covardemente como ladrão
Buscando no Acaraú dos Filomenos a proteção
E o pai do assassino pra não ver o filho na prisão
É explorado de todos os seus pertences sem razão
E muito gênero de sua colheita saiu em caminhão
Mostrando aí que na terra quem manda é o chefão
Que usava do poder e prestígio pra despojar o povão
E bandido que paga resgate, não tem punição.

LÁGRIMAS DA TARDE

Vozes dos raios
Pôr do sol
São soluços,
Lágrimas do entardecer.
Entristecendo o fim do dia.
As tardes são cruéis
Vestem-se de luto
Abatendo no peito
Sentimento da despedida
Deixa ânsia e vazio
Alma dos melancólicos
Deixa marcas macabras
Dores no coração
As tardes têm um semblante,
Amargo de solidão.
São tiranos os sentimentos,
Do fim do dia.
Tudo chora,
Quando o crepúsculo os assalta.
No entardecer...
O céu enruga o rosto...
Nuvens sentem desgosto
Murmura o vento embriagado.
As horas são:
De fadiga,
De agonia,
De vazio,
E dor.

FERIDAS DO AMOR

No caminho do amor
Pisei espinhos de amigos
Suportei agruras e solidão
Andei decidido mesmo na escuridão
Carreguei dores de ingratidão
Transpus barreiras por acreditar
Que todos fazem quando amar
Perdoei as mais cruéis feridas
Que alguém pode sentir no coração
Dispensei as culpas alheias
Sorri e beijei meu esbofeteador
Neste caminho proclamei a paz
Rasguei minh'alma
Sacrifiquei-a sem reservas
Não busquei meus interesses
Doei-me por inteiro
Fiz-me o próprio holocausto
Neste insondável trilho
Apenas busquei agradar
Só o amor fez-me cicatrizes na alma
Mesmo assim mantive a calma
Neste sentimento palmilhei resignado
Buscando o bem de meus amados
Cada momento aprendi a esperar
Tudo sofri por acreditar
Que neste caminho se deve andar
Hoje chagado, marcado por feridas.
As quais recebi de meus amigos
Mesmo assim os guardo comigo
Pois sei que ao sol sair, brilhará em seus corações.
E terão as mesmas emoções
Que me haviam vencido
E por elas tinha vivido.

AIR FRANCE VÔO 447

Meu Deus! Como foi terrível
Naquela noite escura e fria
Quando o pânico se fez presente
Entre pobres almas desesperadas
Quando desciam ao profundo espaço vazio
Ao sepulcro dos mares frios
Como foram agonizantes as horas
Quando faltou o chão aos nossos pés
E os abismos nos tragaram
Sem misericórdia fomos engolidos
Às mais amargas entranhas
Do horrendo e faminto oceano
Sem haver socorro, que nos acudisse.
Como foi tenebrosa aquela noite
Onde donzelas desesperadas gritavam
E crianças apavoradas se afogavam
Meu Deus! Que Horror... Que dor.
Por que não estendeste tuas mãos?
Por que não regeste nossa partida?
Oh, Meu Deus! Tem dó destas almas
Não vistes a aflição que passamos?
O medo que sentimos naquela noite
Oh, Deus! Como gostaria de retroceder...
Meu passado escuro... E iluminá-lo.
Para viver, meu Deus! Mais lúcido.
Agora Senhor, só vejo o vazio.
Onde descemos e fomos sepultados
Oh, Meu Deus! Meu Deus!!!

MERGULHANDO O PROFUNDO

Vestia-me do agreste
Para melhor comungar
Com a fauna e flora deste universo
E ver-me simples, mas ousado, audacioso...
E embrenhar-me no verde... E me perder.
Voar aos picos e flutuar sobre os vales
Deixando-me precipitar no vácuo sideral do cosmo
Nessa liberdade toda me soltar
Sentir o cheiro, degustar minhas inspirações.
Pra visualizar todo caminho transcendente
Deliciar-me do belo, dele me saciar.
Gozar do imensurável poder do apreciar.
Ver-me livre do homem carnal e de sua espécie
Ser a própria essência e sentido da vida
Reter os mistérios... O insondável dos loucos
Gritar... Gritar minha liberdade de expressão
Publicar todos meus sentimentos
Derramar-me como fonte... Refrigerando corações.
Deixando fluir tudo de mim sem reservas
Para que saiba o mundo...
O que tenho dentro de mim para ofertar.
Ser eu mesmo diluído como fragrância
E encher os lares de harmonia e paz
Sendo o aroma... Luz e comunhão,
Entre os seres insulados deste mundo tenebroso.
Entoar a melodia em acordes celestes
E tanger como um maestro, a divina música.
E me doar por inteiro ao mundo.
Para que o homem entenda;
Que é preciso descobrir, o sentido real da vida...
O porquê de estar aqui na terra
E pra onde será levado depois.

VISITEI O ETERNO

Quando acordei naquela noite
Tudo estava escuro e vazio
Nada eu via; ouvia apenas...
O quebrar das ondas, ao longe.
Enquanto o mar gemia solitário
A solidão era completa
Nem um ser se movia
Certamente eu era o único
Que fora esquecido e deixado ali
O tédio me assaltava... E despia-me...
De todo ânimo, o homem interior.
Foi quando levantei os olhos aos Céus
E olhando-me, vi-me com grandes asas.
E levantei-me ao espaço e voei
E notei que era um anjo
E na velocidade da luz visitei o Céu
Estive perante Deus e prostei-me
Adorando o Eterno Ser resplandecente
E percebi que não era o único adorador
E vi que multidões... Milhões incontáveis
Estavam ali do meu lado, louvando-o.
E entoava uma célica melodia
Então um gozo profundo encheu-me a alma
Notei então, que havia me transportado.
Ao paraíso... Ao santo lugar de Deus
E não desejava mais nada
A não ser permanecer ali
E era dia, quando acordei de novo.

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO

Viajei através do tempo
E por imensuráveis portas passei
Em busca de só te encontrar
E como imaginação
Atravessei décadas
Tabus de curtas gerações
Só pelas lembranças
De teu meigo olhar
E quando te encontrei
Em busca de amor alcancei
Desvendei mistérios e emoções
De fontes impenetráveis
Fluindo do corações
E me transportei em êxtases
Por espaços paradisíacos
Feitos só pra nós sonhar
E nesses caracóis ovais do tempo
Entre sombras que se arrastam
Segui teu cheiro na escuridão
E toquei como que, de alucinação
Teus lábios fartos e rosados
Na imaginação
E saciei-me como ânsia de um vulcão
Que se derramava em lavas
Fluindo do meu o teu coração

CAVALGADA TRANSCENDENTAL

Quando me ponho no céu
Buscando em galopes os linhos
Vi quando passavas em teu cavalo
Juntando teus cabelos as crinas
Notando aí na poeira do dia
As marcas de teu alazão celeste
Garanhão alado onde cavalgavas
E ias seguindo por traz das colinas
Bebendo todo mar em teus sonhos
E adocicando os lábios em teus sorrisos
Enquanto faíscam flechas cúpidas de teus olhos
Fitando e cravando meu indefeso coração
Eras a amazonas de minha imaginação
Vestida de lua sobre as dunas da vida
Arrastando em teu manto meus desejos
Enquanto seguias em teu cavalo marinho
Arrastando na rede de teus cabelos os cardumes
Eram lindos confetes presos em tuas linhas
Já é verão de novo nos olhos do sol
E te vejo galopando nuvens ensangüentadas
Na tarde no fim do dia e pôr do sol
É a dama do tempo
Que cavalga no dorso do vento
Perdendo-se no além do firmamento.

SINOPSE

Resumo da vida, da história...
Prestação de conta
Juízo final
Vasculhar o íntimo
Avaliar os feitos animal
Síntese de uma vida
Resultado de um entendimento
Acertos e deduções
Vasculhando o conteúdo
Vista grossa
Divulgações escuras
Sombras da verdade
Retrato embaçado
Vultos de um todo
Manchas da verdade
Demonstrações rápidas
Quadro falado
Deduções da verdade
Dando a entender
Meia verdade
Colapso das horas
Despencar da imaginação
Berros da verdade
Razões apressadas
Léxitos de textos
Enredo apressado
Balbuciar das idéias
Tratos da linguagem
Vagas expressões
De mentes confusas

LUZ DA VIDA

Fluía do muturo, o ente.
Sisudo e mudo
Buscando como cego
Algo onde se apoiar
Assim tateia o ser
Ofegante e inquieto
Em busca de sua direção
Entre acoites e xingamentos
O miserável vulto se queixa
Por não achar compaixão
Cambaleia tal animal da cidade
Por entre inimigos humanos
E neste drama passa
Por este triste espaço
Da vida terrestre
Pois logo ao sepulcro desce
Às vezes, perdido mais ainda.
E em cárcere tenebroso fica
Aguardando maior suplício
Por esquecer o santo sacrifício
De Cristo, a amarga cruz.
Que neste mundo sofreu
Tornando sua luz
Quando por ele morreu
Mas este, nas trevas viveu.
E de Deus se esqueceu
E viveu num mundo mal
E que agora só resta
Pra este louco, o juízo final.

NADA

Tudo se faz nada
Quando o sol se esconde
Morre o dia
Invalidam-se as cores
Ficam escuras
Perdem os sentidos
Escurecem os sentimentos
Calam os acordes
Nada canta nem acalanta
Despedem-se as graças, os risos...
Olha-se e tudo é monotonia
Quando o sol se vai
Nesse momento, chora o tempo.
As cores se arrastam pelos céus
Bordando de sangue a penumbra
Solidão do tempo...
Da tarde e da gente.
A cada tarde, é o mesmo tédio,
Pra esse momento,
Não há remédio.
É a morte do dia
Que dá vida a noite.
Tudo acontece quando entardece
Quando nossas ânsias reaparecem
Rugas das horas nos envelhecem.
Sempre termina uma vida assim,
Quando o sol se despede enfim.

COMPETINDO COM LOBOS

Rasga a presa, e outro leva o despojo.
Inibe o lobo da noite o caçador faminto
Rondam matilhas esfomeadas
Cegas iscas são ceifadas
Mercadejam enganos camuflados
Enquanto o rato se volta contra o gato
É o lema da astúcia, o ócio do povo.
Frases repetidas, inocentes traidores.
Vitimas perigosas, serpentes enganadoras
Chacais da escuridão abocanham caçadores
Grunhem as hienas diante dos leões enganados
Presas perigosas de caçadores caçados
Mercadorias pagas sem recebimento
Vendidas muitas vezes a enganados
Rebanho de muitos donos engodados
Presas que saem em bando em busca do predador
Inimigos da comunidade democrática
Prostitutas descaradas do voto
Que buscam enganar seus amantes
Cobras traiçoeiras que espreitam as presas
Enganadores camuflados de inocência
Plebe que terce suas desgraças
E depois culpam seus governantes.

CAVALOS ALADOS

Ao mergulhar no horizonte...
Ventos, como no tropel.
São cavalos alados no Céu
Que disparam no universo
Levando-me em seu largo dorso
Deixando poeiras do tempo
Que costuram redemoinhos
São ocasos do fim
Entre soluços e gemidos da tarde
Entre palmas que acenam
Vasvalham ao vento os leques
Entre o ondear do vale
Lá no além onde azula o firmamento
Costeando a cor turquesa da dor
São artes do tempo e sangue do sol
Na piscina divina banha-se a lua
Linda e loira me poetizando
Diluindo-se na água morna
Lavando alma toda
Já não há mais manchas
Agora tudo azula, é Céu
Desce se esconde o dia.
Tudo escurece ao redor
E apenas uma vela
Vela a noite
Enquanto gritos ameaçadores
Ouvem-se os gritos das corujas
E busca iniciada, fome da prole
De vítimas banais,
Que rondam no escuro.

SÓ PRA QUEM AMA

Das entranhas de quem ama
Jorra uma fonte tão clara
Que ilumina a gente
Brilha nesse olhar, a paz.
Reflexos de Deus
Alma lapidada, límpida e cristalina
Meigo e sereno olhar de menino
Correndo desse olhar uma beleza rara
Que nos enche com ternura
E encanta a toda criatura
Tal luz é doce... É largo oceano.
Que refrigera e adoça todo ser
Luz dos olhos irradiando a chama
Sempre brilham, os olhos de quem ama
Essa luz, que a toda dor sana
E a ninguém, nada faz de profano
Serve de âncora à alma que clama
Quando ressuscita os seres do pó
Corre uma suave brisa qual aroma
É bálsamo de Deus à pessoa que ama
Fluindo paz e do íntimo proclama
Que a primavera chegou
E que é tempo de cantar... Amar.
É a melodia do Ser universal
Que pulsa e jorra de nós.
Coração, porta aberta do cais.
Que ama e deseja muito mais
Porto seguro da alma e do homem
Fazendo do céu seu lindo pomar
Colhendo sempre as rosas de paz
Paradisíaco caminho do amor.

MEU CORAÇÃO

É louco, grita em ânsias
Voa pelo céu, desliza pelo espaço
É louco e grita de amor
É visionário e ver o paraíso
Meu coração é pássaro voando
Canta e chora pela cidade
É cheio de fantasias e sonha
É apaixonado e sentimental
É bruto e infantil,
Todo animal e angélico
É adolescente sonhador
Vive da essência do puro amor
É áurea do dia e raio encantador
Voa, delira e folga de amor
É cópula, é ânsia de gozo e dor
É meu rio transparente, meu garanhão
Meu itinerário e lar
Meu coração é gás
De veneno e paz
Raio do céu
Explosão de emoção
Como é metido e inxerido
Este meu coração.

É MEU AMOR

Brisa do mar
Cio das árvores
Ânsias dos seres
Grito das entranhas
Choro das almas
Lágrima do riso
Beijo do espírito
O anjo em mim
Meu cupido querubim
Luar solitário e frio
Meu fogo e estorvo
Porto sem fim
É meu tudo em mim
Ondas do mar
Brotando de mim
Essência do ser
Razão de viver
O ser a voar
Fora lançando todo o meu pesar
O pulsar em mim
Meu começo e fim
Alvorecer do ser
Toques de Deus
O espírito enfim
Aproximação do céu
É comunhão
Minha fusão
Todo meu eu
Sumindo no teu.

POESIA

Carta e sonho do povo
Grito retido nas entranhas
Canção da alma
Núpcias das palavras
Jogo de expressões natas
Porta dos sentimentos
Lágrima da alma
Vozes do coração
Bolhas de emoção
Missiva dos mudos
Dicção dos gagos
Carvão de sentimentos
Cinzas de dores
Retratos da alma
Linguagem do amor
Choro de amantes
Oásis dos sofredores
Confissões do espírito
Profecia popular
Vidente do peito
Vaticínio de loucos
Canção dos melancólicos

OLHAR CIOSO

Teus olhos dois abismos sedutores
Duas fontes e duas embocaduras
Duas cascatas que me arrastam
Dois holofotes que encandeiam
Dois feiticeiros que me hipnotizam
Quando a noite lança de si
Seu lençol escuro que envolve o mundo
E o limite traça apartando-se do dia
E o rio suicida-se no mar
Vejo teus abismos a me chamarem
És tu a sereia que brota
Das selvas de minha imaginação
Das escuridões dos abismos noturnos
Empoeirado sóis risonhos de tua face
Duas bandeiras caolhas e cegas
Vistas da carne, olhos da paixão
Revolução de paixões cinzentas
Mechas pálidas de teu figurino
Manchas de cofets em tua cabeça
De um chão de giz fúnebre
São ossos do ofício da morte
Fumaças turbadas de assunto popular
Veia da vida e da moral
Que brota de dentro do animal

MOSTEIROS DAS ÁGUAS

Ondas e curvas vadias
Água e gestos felizes deslizam
Enquanto bebem de meus olhos
Neste sagrado canto emotivo
Bebem os sedentos os teus conselhos
Cantando em coro as tuas gotículas
Formando o oceano dos sonhos imortais
És o monge de águas claras
Senhor das palavras serenas
Embalsamando a paz
Onde seres eternos
Sorvem o amor
De carícias ternas e transparentes
São águas da fonte da luz
Aladas criaturas angelicais
Saciada pela canção da fonte celeste
Acalanto das almas serenas
São águas do repouso divino
Enchendo o vazio de nossas vidas
Sarando nossas feridas
Enquanto o dia passa dormente
As impressões afogam
No ômega e interior da gente

MÍSTICOS INTENTOS

Coração deságua
Ondas de um oceano
Jorram e naufragam
Mundo fictício do homem
Correm mares embriagados
Ressacas de marés
Fervem correntes marinhas
Do peio solitário humano
Navegam embarcações perdidas
De pensamentos piratas
Doce oceano de fantasia
Coração ondulando pretensões
São manobras da vida
Mar ilhado do peito
Traçando extintos
Movimentos dos pensamentos
Águas turvas da alma
Leito e trilha da dor
Tercem destinos místicos
Raízes do ente
Mergulhando o mundo
Dos ideais humanos
Fruto de dores
Preocupações sufocantes
Oprimindo corações
Banidos e incrédulos
No mar da vida

VESTIGIOS

Resto do tempo
Da historia
E do conto
Narrativa confusa
Vida embaçada
Fagulhas de seres
Retratos pálidos
Murmúrio do que foi
Sóis perdidos
Poeira do passado
Mechas dos anos
Tapera vigilante
Testemunha calada
Sombras do que foi
Marcas do tempo
Escritos do ar
Pinturas das nuvens
Desenhando histórias
Através das eras
Testemunhas rotas
Trapos da verdade
Detritos do real
Provas que falam
Documentando a verdade
De obras lapidadas
Deixadas pra trás
No decorrer dos tempos
Perdidas nos espaços
Do viver humano.

PSICOPATAS

Desconfiadas criaturas
Espreitadoras das almas
Perseguidoras ilegais
Vasculhadoras atrevidas
Importunantes descaradas
Prepotentes miseráveis
Seres petulantes
Pertubadores de vidas
Cruéis perseguidores
Inimigos da paz
Roubadores do sossego
Provocadores do mal
Companhias indesejáveis
Contrários aos acordos
Feridas coceirentas
Câncer da alma
Perturbação do espírito
Invejosos malignos
Avançadores do alheio
Pertubadores implacáveis
Inimigos do bem
Frustrados indivíduos
Filhos do diabo
Perigosos animais
Escorias indesejáveis
Lixo da sociedade
Excluídos das amizades
Evitados dos conhecidos
Ovelha negra
Vergonha da família
Demônio nojento

VIDA ABSTRATA

Sinfonia dos sonhos
Voa o sonâmbulo
Em leveza flutua
Água e vento
Homem, vapor da vida.
Sonhos e chuvas
Memória latente
Pensamentos palpáveis
Canto da alma
Andando vaga
Por ruas impenetráveis
Fugitiva da noite
Vestida em fantasia
Peregrina o nada
Mente entorpecida
Visualiza serpenteadas veredas
Trajadas de medo
Corações vadios
Passos delirante
Criando fadigas
Corpo inerte... Palpitante.
Em tudo se mete
Essa tal criatura
Que pensa existir
E não é nada
Além do dormir.

ORBITANDO

Nas visões
Fui hipnotizado
Senhora das estrelas
Passagem da vida
Ponte dos abismos
Elos harmônicos do cosmo
Corredores... Labirinto da ânsia.
Mistérios da imaginação
Mestre do silêncio
Mágica dos seres
Vidas inusitadas
Vexame dos sentimentos
Glória do vazio
Correm... Se propagando
Acordes da vida
Almas livres
Voam suavemente
Companheira das brisas
Nas horas caladas
Seculares...
Milenárias órbitas
São corpos nus
Dispersos...
Enchendo o universo
São poetas celestes
Compondo versos.

CORAÇÃO BAHÁ'Í

Desliza suavemente
Aromas das rosas célicas
Brisa e orvalho do céu
Perfumes angelicais flutuam
E meu ser sobrevoa os vales
Copiosas notas destilam a paz
Emanam de um além claro
Resplandecente... Vem de Deus.
Músicas de seres angélicos ecoam no infinito
Campos brancos são regados
Semeando paz nas mentes infantis
É um dito do Eterno: Preparai a nova geração
Nos traços e regras da paz
Caminhos brancos de Deus
Névoas de um mundo harmônico
Essência de uma nova era
Louvam desde a terra aos céus
Ao Deus da paz... E da fraternidade universal
É o ser anelante de um mundo melhor
Onde a lei; é só o amor, é só harmonia.
Desliza minh'alma este espaço
Idealizado para o povo escolhido
Que proclama paz, somente paz na terra,
Que proclama a ternura entre os homens
Então folga meu ser, neste novo mundo.
Onde não há distinção de raça, país, religião...
Celebrai, oh povo; o novo. Cantai a Deus
Com saltério e harpa
Cantai a paz na nova terra.

NARCIZISTA

Dominador cego
Dono do nada
Petulante ser
Forçando o respeito
Controlador das vontades
Cruel companhia
Mania de dominar
Mutilador de almas
Subjugador da vontade
Ditador da regras
Mania de mandar
Torturador de prisioneiro
Opressor opulento
Desgraçando seres
Infernando vidas
Roubando liberdade
Escravador atrevido
Mercadejando criaturas
Tirano da sociedade
Aprisionando indefesos
Fabricador de prisões
Tecedor de liames
Gladiador covarde
Caçador de inocentes
Miserável inquilino
Criminoso da escuridão
Filho maldito
Criado pras trevas
Sócio do diabo
Inimigo da paz

FACES DA SAUDADE

Melancólicas faces
Tristes e vazias
Ar bucólico de solidão
Limites e tédios do fim
Passageira pura e calma
Tempos de outrora
Amados da alma
Cor da dor
Fagulhas... Restos de amor.
Metades de mim
Coisas assim
Partiram enfim
São sombras dos dias
Minutos de fantasias
Ébrios passos do passado
Cambaleiam pálidos retratos
Desbotadas imagens frias
Vozes vagas... Vadias.
Restos das horas de agonia
Saudade, opressora da humanidade
Fumaças de solidão
Senhora sem idade
Pensamentos amargos
Emanam do coração
Cruéis explosões de sentimentos
De amor e paixão.

EPÍGRAFE DO FIM

Quando partiste
Houve tédio e dor
Vazio... Tudo ficou sem cor.
Perdi o alento, tudo se apagou
O dia de repente se enlutou
Buscou minh'alma a paz
E nada achou
Fluía o acre da dor
Mágoa e solidão
Consolo não restou
Só melancolia sobrou
Olhei e estava só
O mundo tenebroso ficou
Enquanto meu peito indefeso
No escuro sentimento chorou
Não havia mais vida em ti
Estavas todo inerte e pálido
Nem um movimento em ti havia
Eras meu herói e meu tudo
Agora, Diante de mim estavas mudo.
Nunca te imaginei assim
Coitado do teu povo, pobre de mim.
Restou só esta tua imagem clara
Que chegou teu fim
E quem consolará a mim?
Partiste como partem os mortais
Sem graça, sem riso vais.
Meu amigo... Meu doce pai.

POETIZEI

Quando te olhei... Eras só poesia
Carne, osso... Alegria e etnia.
Simpósio, épico... Toda elegia,
Eras verso, métrica, ritmia.
Só beleza, formosura... Simpatia.
Teu corpo todo... Linda sincronia.
Ver-te, foi minha louca hipnose
De tanto te admirar até me encabulei
E meu olhar por ti, foi suspeito
Mas como disfarçar direito...
Se tua beleza prendeu meu jeito?
Teu corpo todo é só encanto.
Teus ricos cabelos de sereia
Tais feixes, lindos molhos... Acalanto.
Loiro manto, que no ar balanceia.
Linda mulher de olhos da cor dos mares
Teu canto de amor, doçura nos ares
Nossa! Como tu és linda, princesa.
Que bom! Navegar em teu abraço
Sentir todos os teus traços.
Olhar-te, foi me encher de gozo
Como desejei desvendar os teus segredos.
Teu amor... Fantasias de toda cor.
Não, não foi à toa... Minha estripulia
Pois quando te olhei, pasmei...
Fiquei todo sem jeito
Parecia sonho, mas logo te amei
Meu Deus! Quanta harmonia
Na poética do corpo de Maria.

OUVE

Ouve... Ouve essas vozes
Que emanam do teu coração
Dá vazão a estes íntimos sentimentos
Extravasa as vozes que clamam
Do fundo do teu coração
Dá liberdade a tua aflição
Ouve esses lamentos... Na solidão
Ouve teu eco mudo
Que grita no escuro do teu coração
Ouve teu ser que estás triste e sisudo
Ouve os soluços... De tua escuridão
Ouve esses gritos
Que emanam desde o além
Ouve... Pois é o clamor de alguém
É a dor de um ser... Um ente
Que não tem ninguém
Ouve, pois este teu ser clemente.
Ouve agora enquanto estás carente
Se negas ouvir agora o teu clamor
Quem saberá na verdade o que sentes?
Ouve enquanto podes o teu amargor
Dá-lhe a liberdade de expressar sua dor
Pois tudo pode calar assim tão de repente
Se não ouves teu ser latente
Como afirmas também ser gente?
Por isso ouve...
Ouve... Antes de ficar demente.

SONHOS

Pensamento vago
Imagens embaçadas
Tudo nublado
Imagens abstratas
Sem tato
Sem cheiro
Sem calor
Ilusões do homem
Frutos de preocupações
Emoções da alma
Em viagens furtivas
Buscando liberdade
Fantasias reprimidas
Desejos não atendidos
Carências da mente
Sentimentos
Fugas
Ações atrás da cortina
Desejo
Ânsia do ser
Fome e sede do ter
Buscando no vazio
Satisfações
Realizações envelhecidas
Desespero da mente
Entorpecida de enganos.

FONTES DO SER

Jorra perdida
Sem saber de onde
O sentimento
Controlando o ente
Fazendo pirraça
Montando trapaças
Enclausurando
Subjugando
Vontades
Desejos
Almejos...
Fonte ilusória
Razão de ser
Tirano palpitar
Transforma escravo
Objeto manipulado
Sempre assim dominado
Calado
Confuso
Sedento...
Morando dentro
Intruso inquilino
Não respeita o sujeito
Apertando o peito
Dores cruentas
Nojentas...
O tal sentimento.

MISTÉRIOS DOS IMPOSSÍVEIS

Viajam estrelas perdidas
Cirandam astros no infinito
Dançam apaixonados
A valsa nupcial
O sol com a lua
Em trajes de realeza
Chora emocionada
No ombro do sol
A lua, donzela faceira
Desfilam estrelas desnudas
Deslizam loucos asteróides
Faíscam no firmamento
Restos de estrelas cadentes
Beija o astro rei encabulado
A princesa sertaneja da noite iluminada
Camuflam anéis incandescentes
Chove ilusões das nuvens
Embriagando a terra tonta
Joga Deus nos espaços do cosmo
Cospem raios furiosos desde o céu
Vomitam vulcões íras encerradas
Contorcem de dores as marés
Dando luz a cardumes desembestados
Dançam os bebês fantasias adormecidas
Voa do homem a vida intocável
E se esconde a mente no homem
Sem o tal saber onde
É o fim... Dos saberes.
E o homem não pode conter
A fuga de sua existência.

COMO FIQUEI

Quando partiste sem nenhuma explicação
Apunhalaste profundamente meu coração
Por longos dias sem consolo fiquei
Lágrimas, do peito amargo, chorei.
Perdi o tino, desiludido... Sem rumo andei.
Bem que tentei te esquecer, mas em vão tentei.
Sozinho, sem entender teu brusco afastamento
Busquei razões e não achei só me restou lamentos
Noite escura tenebrosa... Dominou meu aflito coração.
Fez-se treva ao meu redor, e ninguém de mim teve dó
Diante de Deus implorei, gritei... Meu Deus! Por que amei?
Distante de mim, em mesma solidão, tu não vias minha dor
E sem esperança... Sofri... Como louco gritei por teu amor...
E a filosofar tal vida passei, e a compor versos... Deixei.
Não havia mais razão de viver e perdi o gosto de ter
Que me adianta riqueza, sucesso... E viver na solidão?
Que gosto... Tenho eu, se meu amor de mim se esqueceu?
Oh, Deus! Tudo isso me aconteceu, então por que vivo eu?
Entendi que sem amor, perde-se a razão de ter e o existir no ser
Com quem os bens compartilhar? Se não há ninguém a amar?
Se não posso meu amor gozar, nem com tal, no abraçar deitar?
É melhor ser enterrado vivo do que passar a vida a lamentar.
Oh, meu amor! Quando, sem nada explicar, tu de mim fugiste.
Não apareceu ninguém, que condoído da minha dor remisse
Até enganos busquei, tentei te substituir e nisso só pequei.
Substituir-te por outra foi em vão e magoou mais meu coração.
Pois quem consolaria e encheria o vazio do meu coração?
A não ser você, meu amor, que sem razão me largou no chão.
E assim, até aqui fiquei, curtindo minha amarga desilusão.
Lutar, lutei... Tentar, até tentei... Mas como te esquecer?
E por fim conclui: Meu amor! Eu não vivo sem você.

VIDA

Oval, curvas do destino
Margens esquecidas, do ocaso
Sol em declínio tinge minha dor
Os clarões dos espaços somem
Dentro da noite, o tédio
Invade minh'alma, que suspira pelo amanhecer
Oval das ondas, oval das curvas
Que arrastam o velho
Tempo da saudade, da despedida
Morre o poeta, entre as linhas que escreve
No meditar, somem os semblantes nédios
Morte do nada, que vem em direções indesejáveis
Do homem, que voa ao infinito
Oval das ondas, que arrastam o corpo
À praia do entardecer, da vida humana
Estremece o coração, em pulsos, do medo cruel
Que acelera o bater constante
Das ondas, nas duras vidas... Pedras,
Lodosas rochas, que lutam por permanecerem
O ancião, o tempo, esvai a vigor
Do homem mortal, que lampeja
Nas pupilas do assombrado ser, que geme.
Me arrastam, as ondas do tempo
Das nuvens, das águas revoltosas
Contra minha vida, que some no horizonte
Em busca de um sol, que se foi.

PRESSENTIMENTO

Latem os cães na densa solidão noturna
Uiva o lobo da lua cheia no espojadouro
Cruzando o homem com o lobo no pó.
Enquanto a gélida brisa
Sopra sobre as copas das árvores
Da escura floresta alada do céu.
Sinistros pensamentos arrebatam o medroso
Lá no campo, entre serpenteadas veredas.
Um vulto apressa os passos numa fuga
De algo assombroso entre os latidos
Da matilha furiosa e desconfiada
De repente surge algo medonho
Como um bicho lustroso diante de meus olhos
Seria o lobisomem? Ou meus nervos...?
Rincha como uma égua no cio e passa
Por entre as minhas pernas
Some num segundo
E logo ao longe ouço
Novos latidos pavorosos dos cães noturnos
Enquanto vejo outro vulto
Numa disparada fuga
E nessa pressa some
Por baixo das espessas trevas
Causadas pelas sombras da vegetação
E ruma a sua casa
Numa covarde busca de escape.

SENHORA DOS SONHOS

Na sinfonia de meus sonhos
Fui hipnotizado e sugado
Pela senhora dos seres humanos
Ao passarem por esta vida
Esta ponte dos dois abismos
Elos harmônicos do cosmos
Corredores... Labirintos da ânsia.
Mistérios da imaginação
Mestra no silêncio e descanso do corpo
Fada e maga dos seres
Das vidas inusitadas
Que vezes... É vexame dos pensamentos
Glória do vazio
Que correm e voam se propagando
Acordes da vida
De almas livres e sonâmbulas
Voando suavemente
Na companhia das brisas
Dentro dos caracóis dos sonhos
De horas caladas e seculares
De milenares órbitas
Dos astros e corpos desnudos
Que vagam pelo sideral
Na busca insana
Por encontrar a satisfação
Pra suas loucas
Ilusões.

MISTÉRIOS NOTURNOS

Deslizei pelas correntezas,
Daquelas horas turvas.
No silêncio, apenas cheirei,
O ar perfumado de tua fonte.
Traguei as horas como fumo,
Enquanto as janelas me vigiavam,
Em seus cômodos iluminados.
Nas portas, atento, meu julgamento era feito.
Por uma mesa rude e cega,
Que de mim, nada carrega.
Deste corte feminino,
Donde flui o veneno
Que mata e sacia o desejo.
Depois farta os jornais
Famintos de assuntos banais
Que são defuntos orais
De uma noite crua e muda,
Que vomita as ações escuras
De animais noturnos e sedentos,
Que buscam mantimento
Pr'os seus anseios.
São entes vadios,
Ébrios de um instante,
Que na alvorada,
Estão dormentes...
Os amantes.

DESTINO

Sonâmbulos passos de meus pensamentos,
Que vagam nas ruas escuras de minha cabeça,
São errantes e confusas imagens,
Que buscam fugir de meus ideais;
Ásperas lembranças, perdidas...
Que vão pelas trilhas solitárias,
Turvas, são águas que jorram de minha fonte,
Imaginações ébrias, que me arrastam,
Pelos corredores da eternidade
São caracóis, cãs dos anos...
Que me chegam; são barcos do tempo,
Que me roubam os ideais.
Consumidas são as horas...
No meu silêncio,
Escuto as engrenagens de meu destino.
Minha vida escoa nas horas...
Arrastando meus desejos,
Toda minha vigor e prazer,
Presos estão em meus pensamentos.
Mesmo assim continuo,
Sigo em meu caminho sem volta.
É o sonho,
A ilusão dos mortais.
É a vida,
O curto espaço, que lhes cabe...
Antes de seu triste destino.

CICATRIZES DO TEMPO

Pelas vestes do meu tabernáculo
Olhando, notei as marcas registradas
Que contavam suas tristes histórias
Eram suas crônicas de agonias
E recordavam-me algo de minha vida
Dores adquiridas no meu palmilhar
Marcas que insistiam, em mim, continuar.
Eram meus remendos de dores, meus bordados
Mas existiam outras cicatrizes inconsoláveis
Chorando ainda, lá dentro do meu coração
Notei que eram marcas da dura ingratidão
Feitas e esculpidas, por quem se diziam amigos.
Eram feridas ainda sangrando no escuro coração
Outras estavam secas e cicatrizadas
Mesmo que notei que, cada uma me ensinava:
Perdão, compaixão... E até gratidão.
Porque certas feridas, até recebi pro meu bem.
Estas eram marcas bem aceitas por mim
Pois estas, até me confortavam
Mesmo porque pelo meu corpo
Estavam espalhadas e me alertavam
Hoje isso serve de conforto e de lição
A todos meus colegas e irmãos
Pois muitas das feridas
Também tiveram sua missão
De nos moldarem e nos fazerem
Mais humanos...
E até mesmo mais cristãos.

Romances

Paraíso de José
(1997)

Autobiográfico

A Primavera da Vida
(2009)

Doutrinários

Questionando as coisas do Espírito
(1996)
Lamentos da alma
(1986)
Eleitos e ensinados por Deus
(2009)

Poesias

Caminho do peregrinar
(1999)
Vozes Mélicas
(2000)
Luta Interior
(2001)
Visões Célticas
(2002)
O Animal
(2007)
Olhos do Tempo
(2009)
Almas Sonâmbulas
(2011)
Antologia Poética
(2011)

COSMO DO AMOR

Nas cirandas dos céus
Sentimentos acelerados
Cortam o infinito
Flechando o cupido, corações.
Despertando emoções
Fertilizando vidas
Transformando criaturas...
Seres anonimatos recebem
Suavemente desta graça um novo rumo...
Dando sentido às suas vidas.
Antes, eram seres obscuros...
Vivendo aprisionados
Em tirana solidão...
Agora, iluminando corações.
Tais raios cupidos flecham
Seres outrora insulados
Almas amarguradas e vazias
Passando solitárias entre a multidão
Caminhando perdidas pelo cosmo da vida
Tudo por ter um dia rejeitado o amor
Vivem agora na escuridão
Solvendo o cálice do amargor
Por terem feito, louca decisão
Tudo por não ter ouvido as vozes
Que emanaram... Brotando do coração.
Apelos desesperados das emoções
Agora, sob o acocho das desilusões
Sofrem... Alimentam-se da dor
Até que volte e sopre a nova aragem...
O nobre sentimento do amor.

VISÕES

Em minhas visões contemplei o Homem.
Os ventos que contendiam no mar.
Medo e pavor me assaltaram.
Diante do quadro celeste, que fluía.
Viu meus olhos o futuro...
Estremeceu minh'alma da visão.
Visões que fraquejaram meu corpo.
Vi que descia dos céus o ancião de dias.
Dirigindo-se ao trono...
O lugar flamejava glória.
Milhares de milhares estavam ao redor.
Vi um de prontidão sobre as águas.
Cheguei e implorei que me explicasse.
Por que do meio das águas subiam animais.
E por que pelejavam entre si?
Caí de joelhos diante da paisagem.
Desmoronou-me toda estrutura e emudeci.
Minhas visões me tiraram toda vigor.
Ordem eu recebi de não publicar o que vi.
Que descansasse até o fim dos dias.
Mas eu guardei a visão.
Visão que tive.
Às margens do Ulai.

MAR AGITADO

Entre raios, nuvens e vendavais.
Navega o homem, de olhos fixos.
Rumo ao infinito na peleja da vida, do vencer.
Nas procelosas ondas da vida
Ergue as mãos ao perigo, na aflita peleja
O furacão com impetuosa força
Sacode o barco da sobrevivência
Entre os clamores dos homens
Um sublime ser se ergue na escuridão
Nas horas tediosas do palmilhar sem rumo.
O mar cruel e impetuoso.
Ameaça engolir pobres navegantes.
Em grande desespero, clamam ao Altíssimo.
No agonizante estado de pavor.
No sacudir das ondas.
No zumbido do vendaval, sua voz brada:
Com autoridade ao mar.
E diz: Aquieta-te, mar, e ao vento.
Repreendeu sua fúria.
Estava eu assombrado com tal visão.
E fiquei mudo diante daquele homem.
Que falava, e a própria natureza o temia.
E vi que a bonança reinava.
E gelei ainda mais de temor.
Do quadro que contemplava.

AMOR

Esta força estranha
Tirana e invasora
Vulcão do peito
Em plena erupção
Se derramando... Transbordando.
Fogo abrasador queimando
Ardendo tudo... Explodindo.
Grito inquieto da alma
Que clama... Sem calma.
Larvas que escorrem pelos olhos
Entalo retido de emoções
Quebrantando o coração
Fervilhando no íntimo
Expondo o ser vencido
Desarmando-o... Subjugando-o.
Através deste impulso dominante
Que obriga o ser,
Mas forte a se render
Ao ente amado
Sem se defender em nada
E sem razão
Fica calado.